

OS IEZIDIS SOB O DOMÍNIO ISLÂMICO: REINVENÇÕES DE UMA TRADIÇÃO

ALFREDO BRONZATO DA COSTA CRUZ

PPGH/UERJ. Doutorando em História Política. Capes/FAPERJ.

E-mail: bccruz.alfredo@gmail.com

DIOGO ALVES DA CONCEIÇÃO SANTANA

DF/UERJ. Graduando em Filosofia

E-mail: diogosantana45@yahoo.com.br

George Percy Badger (1815-1888), missionário anglicano que realizou incursões nos atuais territórios sírio, turco e iraquiano na década de 1840, é mais conhecido por sua descrição dos cristãos nestorianos que subsistiam nessa região, mas também deixou um vívido relato referente aos iezidis, comunidade política-religiosa subsistente em meio aos curdos. Trata-se de documento ainda importante para o estudo deste grupo. A origem étnica e cultural dos iezidis é tradicionalmente atribuída aos antigos assírios, ainda que versões alternativas façam-nos remontar a um grupo fiel ao califa Maruwane II que conseguiu sobreviver ao golpe abássida de 750. As origens do nome são incertas – enquanto alguns estudiosos derivam-no do termo persa yazata, ser divino, outros pensam que provém do nome do califa iezidis, por eles venerado –, como, aliás, são incertas, tanto para os observadores ocidentais como muçulmanos, muitas de suas crenças e práticas. O que se sabe delas indica certa intenção estratégica em evitar conflitos diretos com os muçulmanos, grupo politicamente dominante da região pérsico-mesopotâmica desde as décadas de 630-640, o que foi feito pela adesão a um livro sagrado em substituição às antigas tradições orais e pela veneração e os jejuns em memória de personagens também significativos para a história islâmica. Os iezidis lograram assim serem considerados não como pagãos, mas como dhimmi, protegidos, não-muçulmanos cuja existência era tolerada sob domínio islâmico, obtendo estatuto similar ao de judeus e cristãos. Os limites da convivência entre muçulmanos e não-muçulmanos nos estados islâmicos pré-modernos, que em nada lembravam a tolerância que nos é contemporânea e, de fato, oscilavam quase que ao sabor da personalidade e das necessidades mais imediatas dos governantes, a proibição de integrarem o exército e formarem grupos de autodefesa, a restrição ao acesso a certos espaços e cargos públicos, a influência do zoroastrismo sobre suas crenças e a práticas e o culto secreto, tido como suspeito aos olhos dos muçulmanos, de Malak Ṭā'ūs, eventualmente identificado por pessoas de fora com a figura judeu-cristã de Satã, constituíram elementos de inegável tensão no correr de sua trajetória histórica. A identidade dos iezidis oscilou de um grupo pagão, uma religião monoteísta (ou dualista) não-islâmica ou uma variante do Islã no primeiro milênio de existência deste, e conforme, a partir do século XV, os governantes muçulmanos vizinhos identificavam-nos como apóstatas e rivais potenciais do poder político regional, os conflitos multiplicaram-se, o que levou à diminuição de seu número por massacres e conversões forçadas, principalmente durante o mandato de Bedr Khan Beg (1803-

Abstract
II International Colloquium of the ancient Egypt and Near East
Universidade de São Paulo
2017

1868), último emir curdo a governar Mossul. O objetivo desta comunicação é apresentar uma sinopse das crenças dos uezidis e de sua história sob o domínio islâmico, destacando como as interações sociopolíticas deste grupo pontuaram o processo de incessante reconstituição de uma identidade religiosa cuja origem pode ser rastreada até os antigos persas e assírios.

Palavras-chave: Yezidis. História do Islã; Minorias religiosas sob domínio islâmico; Hibridismo. Continuidade cultural.

Abstract
II International Colloquium of the ancient Egypt and Near East
Universidade de São Paulo
2017

**THE IEZIDIS UNDER THE ISLAMIC DOMINATION:
REINVENTINGS OF A TRADITION**

ALFREDO BRONZATO DA COSTA CRUZ

PPGH/UERJ. Doutorando em História Política. Capes/FAPERJ.

E-mail: bccruz.alfredo@gmail.com

DIOGO ALVES DA CONCEIÇÃO SANTANA

DF/UERJ. Graduando em Filosofia

E-mail: diogosantana45@yahoo.com.br

George Percy Badger (1815-1888), an Anglican missionary who made incursions into the present Syrian, Turkish and Iraqi territories in the 1840s, is better known for his description of the Nestorian Christians who subsisted in this region, but also left a vivid account of the iezidis, a religious-political community that still exists among the Kurds. This document is still important for the study of this group. The ethnic and cultural origin of the Yezidis is traditionally attributed to the ancient Assyrians, although alternative versions lead us back to a group loyal to the Caliph Marwan II who survived the Abbasid coup of 750. The origins of the name are uncertain – while some scholars derive it from the Persian term yazata, “to be divine”, others think that it comes from the name of the caliph iezidis, whom they venerated – as indeed, for Western and Muslim observers, many of their beliefs and practices are uncertain. What is known of them indicates a certain strategic intention in avoiding direct conflicts with the Muslims, a politically dominant group of the Mesopotamian region from the decades of 630-640, which was created by the adhesion to a sacred book in substitution to the old oral traditions and by the veneration and the fasts in memory of personages also significant to the Islamic history. The Iezidis thus managed to be considered not as pagan, but as dhimmi, protected, non-Muslim whose existence was tolerated under Islamic rule, obtaining status similar to that of Jews and Christians. The limits of coexistence between Muslims and non-Muslims in the pre-modern Islamic states, which in no way resembled the tolerance that is contemporary to us, and, in fact, oscillated almost to the taste of the personality and the immediate needs of the rulers, the prohibition to integrate the army and form self-defence groups, to restrict access to certain public spaces and positions, the influence of Zoroastrianism on their beliefs and practices and the secret worship, suspected in the eyes of Muslims, of Malak Ṭā’ūs, possibly identified by outsiders with the Jewish-Christian figure of Satan, constituted elements of undeniable tension in the course of their historical trajectory. The identity of the Yezidis oscillated from a pagan group, a monotheistic (or dualistic) non-Islamic religion or a variant of Islam in the first millennium of its existence, and as from the fifteenth century the neighbouring Muslim rulers identified them as apostates and potential rivals of regional political power, the conflicts multiplied, which led to their numbers being reduced by massacres and forced conversions, especially during the mandate of Bedr Khan Beg (1803-1868), the last Kurdish emir to rule Mosul. The purpose of this communication is to present a

Abstract
II International Colloquium of the ancient Egypt and Near East
Universidade de São Paulo
2017

synopsis of the Iezidis beliefs and their history under Islamic rule, highlighting how the socio-political interactions of this group punctuated the process of incessant reconstitution of a religious identity whose origin can be traced back to the ancient Persians and Assyrians.

Keywords: Yezidis; History of Islam. Religious minorities under Islamic rule; Hybridism. Cultural continuity.